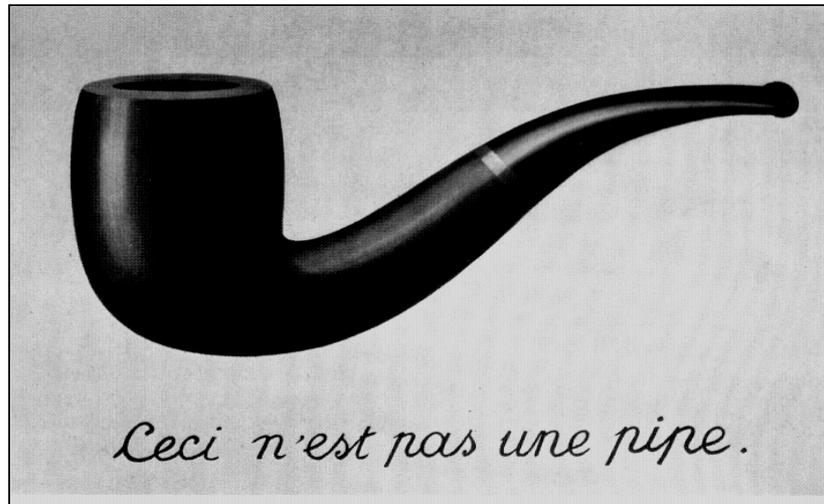


## Apresentação



Theodor W. Adorno argumentou, em uma palestra publicada com o título “A posição do narrador no romance contemporâneo”, que se o romance quisesse levar adiante a postura realista de apresentar a realidade sem disfarces ou grandes mentiras, então ele deveria seguir a tendência formal de optar pelo fragmentário, pelo incompreensível. A realidade, para Adorno, não deveria ser representada no romance pela mesma lógica que a legitima como realidade social.

O texto de Adorno tem um fundo prescritivo que talvez seja estranho ao modo como tentamos nos posicionar nos debates hoje. Ainda assim, ele ajuda a pensar a respeito de como as contradições sociais se tornam forma (artística ou não). Vejamos um caso trazido pelo historiador Luiz Felipe de Alencastro (1997, p. 60-63). Segundo ele, as elites brasileiras do século XIX preferiam o charuto ao cachimbo porque o cachimbo – largamente usado em tribos africanas – se alastrou entre os escravos.

Vamos imaginar duas leituras: uma pela anedota que virou lugar comum a respeito de Freud, obsessivo fumante de charutos. Certa vez, questionado sobre a relação entre seus hábitos e a fase oral do desenvolvimento psicosssexual teria respondido que tem horas em que um charuto é só um charuto.

Outra leitura pode partir do quadro de Magritte, reproduzido acima, “Isso não é um cachimbo”. O jogo criado por Magritte, expondo o desnível entre representação e coisa, por assim dizer – e apenas para ficarmos no mais imediato –, quando posto diante da atitude de nossas elites, na sua tentativa de se diferenciar dos escravos, cria um desnível talvez mais instigante: o cachimbo está no lugar de um jogo de poder e distinção – naquele momento histórico. Por isso, uma das coisas que um cachimbo representava não era apenas um cachimbo, na mesma medida em que um charuto, por aqui, definitivamente nunca era apenas um charuto.

O uso social das mercadorias ou coisas modifica a qualidade dessas coisas e o melhor do romance realista – mesmo, às vezes, o pior – tem apanhado o movimento das qualidades das coisas para os pontos de vista em tensão em cada organização social.

Nesse sentido, desde o princípio, a arte é empreendida de forma realista. Segundo Aristóteles, “não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade” (ARISTÓTELES, 1992. p.53). Desta forma, mesmo o fantástico – como a aparição de deuses, o disfarce completo do personagem ou seu deslocamento em tempo ainda não visto – era entendido como se fosse real. E a arte não empreendia nenhuma aventura deliberada no imaginário, pois queria permanecer verossímil.

A modernidade modifica essa relação da arte com a realidade na medida em que a problematiza. Essa questão se colocou primeiro para pintura, pois a fotografia dominou completamente o espaço da reprodução “exata” da realidade.

Ao se perceber presa no leito da realidade a literatura extravasou com força para outros níveis de “realidades imaginadas” ganhando um universo novo e inexplorado. Primeiramente de forma tímida, criando realidades possíveis em um futuro distante, mas logo chegando no realismo maravilhoso, que é um mergulho profundo no impossível. Esse movimento foi muito intenso nas literaturas de língua espanhola, por isso temos um artigo que traz um autor argentino e um uruguaio para falar desse período. É nessa linha, mas abordando o brasileiro J. J. Veiga, que outro dos artigos aqui presentes explora o problema das relações entre expressão do real por meio do fantástico.

Por fim, temos a literatura contemporânea que propõe uma nova espécie de realismo, pois oferece ao leitor o mundo caótico como nos é apresentado na vida real, aparentemente sem o ordenamento lógico que o autor nos momentos pregressos fazia. Hoje a ordem fica por conta do leitor, se ela for possível em alguma medida. Também tratando da literatura contemporânea, o último artigo deste dossiê se aprofunda nos conceitos de humanismo e realismo a partir das obras do sul-africano J. M. Coetzee e do brasileiro Ferréz.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Império: a corte e a modernidade nacional. *In: História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997-1998. Vol. 2.

ADORNO, Theodor W. A posição do narrador no romance contemporâneo. *In: Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, p. 269-273.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

**Atílio Bergamini Júnior**

**Seleste Michels**

(Organizadores do dossiê)